



POÉTICA FOTOGRÁFICA E O URBANO: QUANTAS GEOGRAFIAS HÁ NUMA FOTOGRAFIA?

Victor Dantas Siqueira Pequeno
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil
victorpequenogeo@gmail.com

Paulo Santos Silva
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil
sansipaulo@gmail.com

RESUMO – O objetivo deste texto consiste em apresentar possíveis entrecruzamentos entre a arte fotográfica, especificamente, a fotografia urbana, e a Geografia, tendo como referência a relação corpo-espço. Fizemos uso do conceito de poética fotográfica e argumentamos como este pode auxiliar nas interpretações das categorias de paisagem e lugar a partir de alguns registros fotográficos da cidade de Campo Grande - MS coletados em campo. Defendemos que a poética fotográfica à luz da relação corpo-espço, faz emergir novos sentidos e/ou significados de usos e experiências na cidade.

Palavras-chave: Fotografia Urbana; Paisagem; Lugar; Geografia Humanista; Corpo-Espço.

PHOTOGRAPHIC POETICS AND URBAN: HOW MANY GEOGRAPHIES ARE IN A PHOTOGRAPHY?

ABSTRACT – The objective of this text is to present possible intersections between photographic art, specifically, urban photography, and Geography, having as a reference the body-space relationship. We make use of the concept of photographic poetics and how it can help in the interpretations of the categories of landscape and place from some photographic records of the city of Campo Grande - MS collected in the field. We defend that the photographic poetics, in the light of the body-space relationship, makes new senses and/or meanings of uses and experiences in the city emerge.

Keywords: Urban Photography; Landscape; Place; Humanistic Geography; Body-Space.

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, produções e/ou criações artísticas tradicionais como a pintura e escultura, passaram por processos técnicos e qualitativos de renovação encaminhados pelas vanguardas artísticas europeias, o que resultou na emergência de um circuito cultural e/ou artístico que ficou conhecido como arte contemporânea. Nesse mesmo período ocorreu também, a visibilidade de outras ferramentas e/ou possibilidades artísticas, dentre as quais, a fotografia. Na contemporaneidade, o ato de fotografar e/ou a própria arte fotográfica assumem novos significados bem como demandam novos circuitos de produção e exposição.

Para Philippe Dubois (2012) a fotografia surgiu como uma tecnologia funcional revolucionária que impulsionou e popularizou a arte pictórica, o que possibilitou sua legitimidade nos circuitos artísticos. Hoje, pode-se considerar que a fotografia tornou-se um dos principais instrumentos e/ou canais de expressão artística capaz de fomentar poéticas e narrativas, bem como circular entre o cultural e/ou comercial, o técnico e/ou lúdico. Ademais, tornou-se instrumento metodológico e/ou objeto de estudo para as diferentes áreas do conhecimento, entre as quais destacamos a Geografia.

“A ciência geográfica sempre envolveu a descrição, a análise e a espacialização do embasamento e desdobramentos socioculturais das sociedades humanas, preocupando-se com a representação gráfica ou imagética destes processos, seja em mapas, cartogramas, gráficos, desenhos ou fotografias” (GÁMBERA, 2013, p. 48).

As fotografias para/na Geografia, para além do seu valor técnico-metodológico, manifestam um canal de produção de significados e/ou sentidos, sejam estes, temporais, espaciais, artísticos e/ou pessoais. Nesse ínterim de possibilidades, assumimos o compromisso de identificar e caracterizar elementos arte-geográficos inscritos em alguns registros fotográficos elaborados por nós durante trabalhos de campo na área central e no bairro Moreninhas III em Campo Grande - MS.

A saber, num primeiro momento apresentamos a discussão dos conceitos, quais sejam, a poética fotográfica (SALLES, 2010) e arte-fotografia (ROUILLÉ, 1996). Em seguida, ensaiamos uma discussão interdisciplinar dos conceitos de lugar e paisagem e a utilização destes na produção fotográfica.

No que tange a discussão dos resultados empíricos, apresentamos alguns registros fotográficos elaborados pelos autores e que se referem ao contexto urbano de Campo Grande - MS. Com estes, verificamos a inscrição dos elementos e/ou fenômenos geográficos na fotografia tendo como enfoque a relação corpo-espço.

Isso posto, enfatizamos que a nossa escrita derivou da invenção voluntária, da descoberta e do ativismo criativo nos termos de Lancrí (2002) no que se refere a prática da pesquisa em artes. Estimamos, pois, a arte fotográfica em abertura diante das possibilidades polissêmicas oriundas do encontro da teoria com a prática e as reflexões geradas. Nestes termos, um trabalho que pretende fomentar conhecimentos arte-geográficos.

A POÉTICA FOTOGRÁFICA E APROXIMAÇÕES COM A GEOGRAFIA

Nas artes visuais, a poética pode ser entendida como o processo criativo que origina-se a partir das experiências pessoais, culturais, históricas, políticas, etc., da/o artista e se materializam no produto artístico (SALLES, 2010). Desse modo, toda criação artística demanda a interação de elementos objetivos e subjetivos. Destes, procede a poética.

Adentrando no circuito fotográfico, Polignano (2006) em sua dissertação de mestrado discorreu sobre poética fotográfica, sendo esta, constituída de oito elementos: 1) Signos; 2) Mensagem; 3) Referência; 4) Relações humanos/mundo; 5) Estética ligada a sentimentos por comparações e memórias; 6) Função comunicativa implícita ou explícita; 7) Sensibilização; 8) Critérios: estéticos, intencionais, conotações, significados e simbologia. Isso posto, ressaltamos que não temos a intenção de encaminhar uma análise estritamente ordenada pelos respectivos elementos, mas emprestar deles algumas propriedades que nos auxiliem na interpretação das representações espaciais que venham estar materializadas nos registros fotográficos destacados na seção dos resultados.

Na arte fotográfica, tais processos supracitados podem ser identificados e qualificados no momento do click, ou seja, no instante em que a fotografia é feita. Momento em que materializam-se tanto elementos objetivos (posição, ângulo, tamanho da imagem), quanto subjetivos (condições fisiológicas e emocionais de quem está fotografando; a escolha do objeto para ser fotografado, etc). Da correlação destes, a poética fotográfica.

Nessa perspectiva, Welington Zanon e Deise Sabbag (2017) apontam:

Percebemos que existe na fotografia a propriedade de inserir a imagem em um contexto que vai além da própria imagem. O processo de registro fotográfico é constituído por fotógrafo, câmera, olhar do fotógrafo, instante em que é registrada e, por fim, a fotografia. Um instante pode mudar o contexto do registro. O papel do fotógrafo é estar atento ao que será

registrado, pois o enquadramento possível de realidade entre vários outros podem mudar em fração de segundos (ZANON; SABBAG, 2017, p. 697).

Vilém Flusser (2008) em seu repertório artístico-científico, investigou as concepções e sentidos das novas produções imagéticas derivadas do movimento conhecido como fotografia contemporânea. O autor discutiu as mudanças mais significativas nos processos criativos de uma arte fotográfica. Um dos seus argumentos é o de que só o ato de fotografar (técnica) não é o bastante, assim como, somente pintar ou esculpir não o é.

[...] fotografias são imagens técnicas que transcodificam conceitos em superfícies. Decifrá-las é descobrir o que os conceitos significam. Isto é complicado, porque na fotografia se amalgamam duas intenções codificadoras: a do fotógrafo e a do aparelho. O fotógrafo visa eternizar-se nos outros por intermédio da fotografia. O aparelho visa programar a sociedade através das fotografias para um comportamento que lhe permita aperfeiçoar-se. A fotografia é, pois, mensagem que articula ambas as intenções codificadoras. Enquanto não existir crítica fotográfica que revele essa ambiguidade do código fotográfico, a intenção do aparelho prevalecerá sobre a intenção humana (FLUSSER, 1985, p. 25).

Para além disso, entendemos que a articulação das intenções codificadoras do fotógrafo para com a manipulação técnica do aparelho, revelam espacialidades distintas, uma vez que tempo e técnica se fazem a partir de uma mesma referência: o espaço geográfico. Este último, compreendido por nós a partir da perspectiva humanista: locus (lugar) das experiências pessoais e/ou coletivas (afetivas, sensoriais, culturais, imaginárias, etc) passíveis de percepção e/ou concepção (HOLZER, 2009).

Assim sendo, é possível falarmos de uma poética geográfica se considerarmos que toda criação artística (fotográfica, literária, musical e outras) deriva de uma prática espaço-temporal. Bem como, inscreve e é inscrita numa cultura que se quer coletiva e/ou individual.

Neste manuscrito, utilizamos a fotografia tanto a partir do seu conteúdo artístico-conceitual quanto técnica/ferramenta metodológica para uma releitura dos conceitos de lugar e paisagem na tentativa de melhor compreender a relação corpo-espaço e sua manifestação na arte fotográfica (fotografia urbana).

LUGAR, PAISAGEM, CORPO-ESPAÇO E FOTOGRAFIA URBANA

Todo espaço ao qual lhe é atribuído um significado e/ou sentido de ordem pessoal e/ou coletiva, é, com efeito, um lugar (TUAN, 2011). Desse modo, é criativo conceber o lugar enquanto produto das experiências sensoriais (o olhar, o ouvir, o tocar, o cheiro, o gosto), bem como produto da experiência mental, o pensar (TUAN, 2018). Tais experiências ocorrem em um espaço e tempo específicos. Articulado a este último, o lugar manifesta-se (também) enquanto uma fração temporal, haja vista que: “O movimento exige tempo e ocorre no espaço: eles exigem um campo espaço-temporal. Lugar e movimento, no entanto, são antitéticos. Lugar é uma parada ou pausa no movimento — a pausa que permite a localização para tornar o lugar o centro de significados que organiza o espaço do entorno” (TUAN, p. 12, 2011).

A pausa a qual o autor faz referência é compreendida por nós como “o estar no agora”, ou seja, corpo-espaço-tempo. Essa tríade pode ser experienciada e interpretada de distintas formas, sensorialmente, mentalmente, textualmente, simbólica e/ou artisticamente. A fotografia, por exemplo, pode representar um lugar em pausa e/ou uma pausa espacial.

Por conseguinte, a ideia de espaço na fotografia é concebida a partir da relação objeto-sujeito. Nada está suspenso. Corpo e espaço com seus processos sócio-históricos fundem-se na imagem fotográfica revelando intenções, ditos e não ditos, sentidos e/ou significados. Outrossim, “O espaço é

construído pelo olhar fotográfico através do enquadramento, que seleciona os limites contidos em um espaço maior existente” (POSSAMAI, 2008, p. 255).

Não somente o lugar, mas igualmente a paisagem pode ser representada na fotografia enquanto referência espacial e/ou produção estética, podendo também ser interpretada como uma pausa no movimento. Nesse sentido, Javier Maderuelo (2005, p. 38) conceituou a paisagem como uma experiência pessoal que revela “o conjunto de uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constituintes”. Assim, em todo lugar, há uma paisagem, e toda paisagem constitui e é constituinte de um lugar.

Tal proposição dialoga com as concepções de paisagem na abordagem geográfica humanista, haja vista que: “A paisagem só existe com os outros, em nós e fora de nós – mas não como cenário, e, sim, como experiência sensorial, material e afetiva do mundo vivido e compartilhado” (PONTE, 2019, p. 233). Para além da experiência sensorial-corpórea: “A paisagem seria, assim, um convite para explorarmos “as dobras do visível” (PONTE, 2019, p. 227).

Sendo assim, quais dobras do visível podem ser identificadas numa fotografia urbana? Diante de tal questionamento, fazemos uso das palavras de Zita Possamai (2008): “No caso das vistas urbanas, a imagem fotográfica permite observar as transformações ocorridas num determinado espaço através do tempo” (POSSAMAI, 2008, p. 255). Nessa perspectiva, acrescentamos que tais transformações percebidas e/ou reconhecidas imageticamente são derivadas das nossas corpografias cotidianas: “As corpografias urbanas ao proporcionarem um contato do corpo com os espaços, são um convite para adentrar a materialidade do mundo e trazer à luz diferentes leituras da cidade, revelando as suas poéticas” (ARAUJO; MOURA, 2021, p. 49).

No intento de observar algumas transformações temporais no espaço urbano e inventar algumas corpogefotografias urbanas, organizamos alguns trabalhos de campo que nos oportunizaram a elaboração de registros fotográficos e notas mentais. As áreas escolhidas foram o Centro e o Bairro Moreninhas III em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Em posse dos materiais obtidos, tecemos algumas considerações e/ou correlações foto-geográficas no que tange a discussão do urbano.

POR ENTRE AS DOBRAS VISÍVEIS DO ESPAÇO URBANO CAMPO-GRANDENSE

As fotografias apresentadas neste manuscrito foram elaboradas pelos autores num período entre abril e agosto de 2021. Tais registros representam e/ou traduzem as experiências, os sentidos e/ou significados atribuídos pelos autores às formas urbanas que se encontram em Campo Grande - MS. As áreas fotografadas foram o Centro e o Bairro Moreninhas III.

São fotografias nas quais a subjetividade precedeu a técnica fotográfica, ou seja, foram os sentidos e/ou significados espaciais que orientaram a escolha do ângulo, a luz e/ou sombras, etc.

A câmera utilizada foi a Samsung SM-M315F do smartphone Galaxy M31. O formato das fotografias é quadrangular. Cada fotografia possui título e uma descrição sobre os aspectos arte-geográficos. Informamos também que estes e demais registros fotográficos foram compartilhados numa página criada no Instagram sob administração dos autores.

Ao movimentarmos-nos no pátio da antiga estação ferroviária (Figura 1) da Noroeste do Brasil (NOB) nossa visão vislumbra, primeiramente, as formas geométricas que constituem as hastes que sustentam o telhado em formato de “T” e os triângulo-retângulos e quadrados que sustentam as telhas.

Aprofundando nas dobras do visível, tais formas geométricas, bem como toda arquitetura presente, revelam resquícios das décadas de 1910 e 1920 em que as ferrovias representavam o futuro da cidade recém fundada. Efeito de um projeto de nação da época. Desse modo, o respectivo registro fotográfico possibilita a discussão sobre os usos dos equipamentos públicos ao longo da história.

Figura 1. Nos trilhos do passado – 2021

Fonte: Acervo pessoal (2021).

A estação ferroviária, que nos dias atuais perdeu seu protagonismo como principal modal de transporte para escoamento de carga, simboliza a divisão social do trabalho que imperava na primeira metade do século XX. Para além, a estrutura física representa o fenômeno das rugosidades em contextos urbanos. E o que são essas rugosidades? “Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos” (SANTOS, 2006, p. 92 [Grifado no original]).

O que a arquitetura de uma cidade de 122 anos pode dizer sobre sua gente, “sua cultura”? Quais processos históricos, políticos e/ou econômicos um conjunto arquitetônico simboliza?

A fotografia em destaque (Figura 2) apresenta o Edifício João Rezek localizado na Rua 14 de Julho, esta considerada a espinha dorsal do ordenamento urbano-espacial da capital sul-mato-grossense. Com seus elementos do estilo Art déco e seus mais de 70 anos de existência, o edifício torna-se “invisível” diante do frenesi diário de trabalhadores, consumidores, juventudes que caminham pelas calçadas e que direcionam sua atenção para as vitrines das lojas e/ou estabelecimentos ali existentes. Quando não, para as telas de seus smartphones ou qualquer outra atitude aparentemente trivial.

Ampliando a perspectiva analítica, o edifício apresenta-se tanto como rugosidade quanto fixo, este caracterizado a partir da forma e função que lhe foi atribuída. Materializado e localizado espacialmente. Diríamos, pois: uma pausa arquitetônica em contraste com o(s) movimento(s) (fluxos) diário(s) que ocorre na Rua 14 de Julho.

Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos (SANTOS, 2006), p. 38).

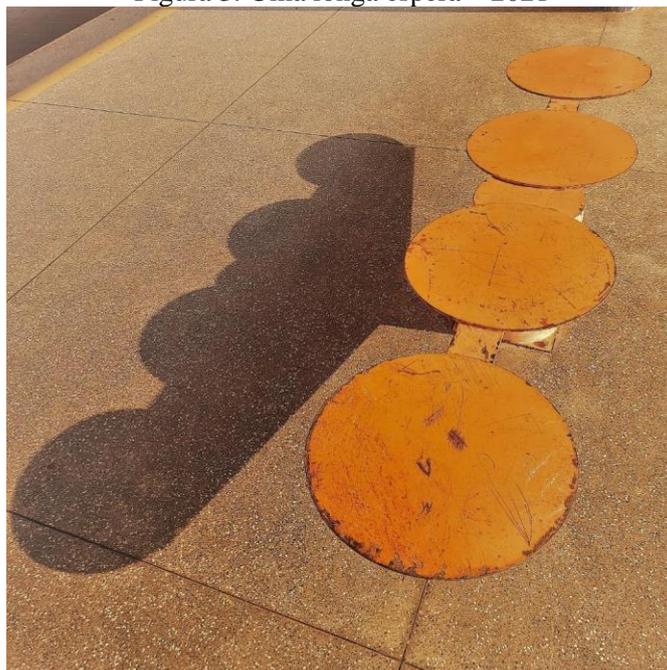
Figura 2. Os Fixos da 14 de Julho – 2021



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Na respectiva fotografia (Figura 3), as formas geométricas anunciam o cotidiano de quem utiliza os terminais de ônibus para deslocar-se na cidade. Em foco, um banco de ferro com design intrigante, pintura alaranjada desgastada pelo tempo, um piso de granilite bem conservado e a sombra do banco criando uma unidade imagética de formas nítidas. Um banco que transparece o desconforto para quem o utiliza, uma vez que seu assento de ferro em horários de intenso sol impossibilita que as pessoas sentem-se, tornando incômoda a experiência dos longos períodos de espera, imprecisões de horários e as longas distâncias percorridas.

Figura 3. Uma longa espera – 2021

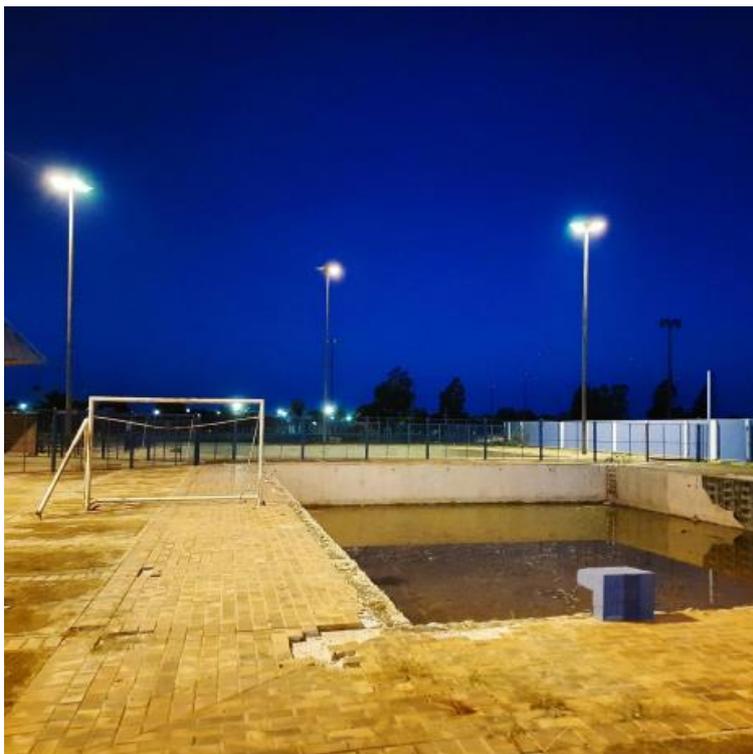


Fonte: Acervo pessoal (2021).

Num primeiro olhar, a beleza das formas. Para além do geométrico, um serviço urbano deficiente. Efeito da segregação socioespacial, esta que opera processos de exclusão por meio da mobilidade: “Do ponto de vista da exclusão socioespacial o indivíduo que se localiza em áreas com redes de transporte deficientes e que não podem pagar pelos meios de transporte privados são impedidos de acessar certas oportunidades na cidade” (CARNEIRO; TOLEDO; AURÉLIO, et al., 2019, p. 56).

Na Figura 4, a noite é pré-anunciada com o acender das luzes que não só iluminam o local fotografado, como deixam à mostra os projetos oriundos de políticas públicas que por muitas das vezes, só são iniciados, mas nunca finalizados. Do contrário, são finalizados, mas seus usos pela sociedade não acontecem.

Figura 4. Mais um entre tantos – 2021



Fonte: Acervo pessoal (2021).

O referido registro fotográfico trata-se do complexo esportivo do Parque Jacques da Luz localizado no Bairro Moreninha III, bairro este que integra a periferia da capital sul-matogrossense. Uma das regiões mais povoadas e distantes do eixo central da cidade. Parque em que é possível encontrar vários equipamentos para prática de lazer em desuso e que denunciam a ineficácia da plataforma governamental em viabilizar o direito à cidade. Nesse caso, espaços de convivência e/ou lazer que sejam acessíveis a todas e a todos. Diante desse cenário, é urgente:

[...] a construção de uma política de lazer eficaz, que se dá a partir da articulação de diversas esferas e interesses que permeiam as relações políticas, mercadológicas e sociais no contexto urbano, com ênfase no resgate da funcionalidade do espaço público de lazer da cidade como componente da qualidade de vida (VERSIANI, 2019, p. 705).

Consumir, acumular e descartar. A fotografia em destaque (Figura 5) apresenta um dos problemas ambientais mais preocupantes das últimas décadas, o lixo urbano e seu descarte

inapropriado. Uma prática e/ou hábito banalizado na sociedade urbano-industrial da qual participamos; constituinte de um consenso duvidoso: “algo comum em qualquer cidade”.

As atividades cotidianas condicionam o morador urbano a observar determinados fragmentos do ambiente e não perceber situações com graves impactos ambientais condenáveis. Casos de agressões ambientais como poluição visual e disposição inadequada de lixo refletem hábitos cotidianos em que o observador é compelido a conceber tais situações como “normais” (MUCELIN; BELLINI, 2008, p. 114).

Figura 5. Não jogue lixo! - 2021.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Para além do uso ilegal do terreno urbano no caso problematizado do depósito inadequado e/ou cemitério de resíduos sólidos, a área fotografada anuncia outro fenômeno: os vazios urbanos. Estes que constituem também outro imaginário, qual seja, “terreno sem dono”. Lugar(es) em que(ais) não há ninguém à espreita, logo, a circunstância perfeita para cometer um crime ambiental, seja o descarte inadequado de resíduos sólidos, carniças, queimadas, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os argumentos apresentados ao longo do texto, bem como os relatos das experiências in loco, tiveram o intuito de sustentar e valorizar as relações teórico-metodológicas entre a fotografia e a geografia do espaço urbano. Nossa prática teórico-empírica nos permitiu pronunciar horizontes conceituais e experiências que possibilitam movimentações e/ou deslocamentos do estar na cidade para o ser a cidade. Em outras palavras, valorização da potência formadora da cidade.

Tentamos aqui colocar em relevo compreensões outras sobre o espaço urbano para além daquelas funcionalistas, suscitando proposições em quais a perspectiva da imaginação, do

sentir, do olhar, foram trazidas à superfície, e articuladas com as nossas corpografias (corpo-espaço) na investigação de algumas dobras visíveis do contexto urbano de Campo Grande - MS.

Assim, defendemos que contemplar a cidade para além do material, do funcional, do físico, do geométrico, é conceber uma cidade criativa em que o emocional, o sensorial e/ou o espiritual são considerados índices qualitativos da experiência urbana. Para tanto, a relação corpo-espaço é um referente imprescindível.

A poética fotográfica e a poética geográfica conjugadas para um mesmo fim e/ou propósito, o prosperar de uma corpocidade (BRITTO; JACQUES, 2009), incitam concepções outras do espaço urbano que devem ser consideradas, por exemplo, na elaboração de políticas públicas de gestão, de planejamento e/ou projetos culturais que reconheçam as demandas dos grupos sociais e coloquem em evidência o protagonismo destas vidas que animam a cidade. Afinal, quem faz a cidade são as pessoas que nela vivem.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. B.; DELGADO, P. M. J. A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas. *Geograficidade*, v. 11, n. 1, p. 48-62, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/29011>. Acesso em: 21 mai. 2022.
- BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpocidade: a arte enquanto micro-resistência urbana. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 337-350, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4751>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- CARNEIRO, M.; TOLEDO, J.; AURÉLIO, M.; ORRICO, R. Espriamento urbano e exclusão social. Uma análise da acessibilidade dos moradores da cidade do Rio de Janeiro ao mercado de trabalho. *EURE*, vol. 45, n. 136, p. 51-70, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19660434003>> Acesso em: 23 abr. 2022.
- DUBOIS, P. A arte é (tornou-se) fotográfica? In: *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, p. 251-191, 2012.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.
- GÂMBERA, J. L. H. M. *Geografia e fotografia: articulando a imagem pela palavra*. 244f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013.
- HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia*, v. 5, n. 10, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2003.v5i10.a13458>>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- LANCRI, J. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, B.; TESSLER, E. (Orgs.). *O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 17-33, 2002.
- MADERUELO, J. *El Paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores, 2005.
- MUCELIN, C. A.; BELLINI, M. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. *Sociedade & Natureza*, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9355>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- POLIGNANO, S. *Do sensível à significação: uma poética da fotografia*. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2006.
- PONTE, P. Ver, ser e estar nas paisagens: Trajetórias de um conceito em abertura. *GeoTextos*, vol. 15, n. 2, p. 217-238, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/33878>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- POSSAMAI, Z. R. *Fotografia e cidade*. *Artcultura*, v. 10, n. 16, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1497>. Acesso em: 19 jun. 2022.

POSSAMAI, Z. R. Fotografia, História e Vistas Urbanas. *História (São Paulo)*, v. 27, p. 253-277, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/80201>. Acesso em: 17 jul. 2022.

ROUILLE, A. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

SALLES, C. A. Arquivos de criação: arte e curadoria. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.

TUAN, Y.-F. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804>. Acesso em: 07 jun. 2022.

TUAN, Y.-F. Lugar: uma perspectiva experiencial. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150>. Acesso em: 07 jun. 2022.

VERSIANI, I. V. L. O Debate da Qualidade de Vida como Instrumento de Democratização do Lazer no Espaço Urbano. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 22, n. 4, p. 680-718, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/16285>. Acesso em: 25 abr. 2022.

ZANON, W. R.; SABBAG, D. M. A. O instante decisivo de Henri Cartier Bresson e a indexação: um estudo exploratório de métodos de indexação de fotografias. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p. 693-714, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8648748>. Acesso em 02 dez. 2021.